

Linguagens visuais e cultura: entrevista com o Prof. Edson Dias Ferreira sobre a importância cultural e legado acadêmico e social do LabImagem na Universidade Estadual de Feira de Santana

Jacson da Silva Bomfim^{1*}  Edson Dias Ferreira² 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil.

² Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil

*Autor de correspondência: volfon_story@protonmail.com

RESUMO

A entrevista descrita neste texto foi realizada com o professor doutor Edson Dias Ferreira, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) na Bahia. O roteiro foi previamente enviado e após verificadas as possibilidades de realização, agendamos a data da entrevista pela Plataforma do Google Meet. A presente sugestão de leitura, tem por objetivo, compor reflexões acerca dos temas linguagens visuais e cultura na perspectiva do Professor Edson, e como elas tiveram influência na sua vida acadêmica como um todo, ressaltando a importância das linguagens audiovisuais e cultura nas manifestações culturais da população afro-brasileira, no processo de formação, ensino e práxis docente, enriquecendo a experiência educacional e proporcionando diferentes formas de expressão e aprendizado para as gerações futuras.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura
Laboratório de imagem
Linguagem visual
População afro-brasileira

ABSTRACT

The interview described in this text was carried out with Professor Edson Dias Ferreira, from the State University of Feira de Santana (UEFS) in Bahia. The script was previously sent and after checking the possibilities, we scheduled the interview date via the Google Meet Platform. This reading suggestion aims to compose reflections on the themes of visual languages and culture from the perspective of Professor Edson Dias, and how they influenced his academic life as a whole, highlighting the importance of audiovisual languages and culture in cultural manifestations of the Afro-Brazilian population, in the process of training, teaching and teaching practice, enriching the educational experience and providing different forms of expression and learning for future generations.

KEYWORDS:

Afro-Brazilian population
Culture
Image laboratory
Visual language

RESUMEN

La entrevista descrita en este texto fue realizada con el profesor Edson Dias Ferreira, de la Universidad Estadual de Feira de Santana (UEFS), en Bahía. Previamente se envió el guion y tras comprobar las posibilidades programamos la fecha de la entrevista a través de la plataforma Google Meet. Esta sugerencia de lectura tiene como objetivo componer reflexiones sobre los temas de los lenguajes visuales y la cultura desde la perspectiva del profesor Edson Dias, y cómo influyeron en su vida académica en su conjunto, destacando la importancia de los lenguajes y la cultura audiovisuales en las manifestaciones culturales de la población afrobrasileña, en el proceso de formación, enseñanza y práctica docente, enriqueciendo la experiencia educativa y brindando diferentes formas de expresión y aprendizaje para las generaciones futuras.

PALABRAS-CLAVE:

Cultura
Laboratorio de imágenes
Lenguaje visual
Población afrobrasileña

De início gostaria muito de agradecer ao Professor Edson Dias Ferreira pela sua disponibilidade e receptividade durante todo o processo da entrevista. Suas experiências e conhecimentos são inestimáveis, me possibilitando assim, banhar-me na fonte do seu saber e suas profundas reflexões acerca das linguagens visuais e cultura.

Caríssimo Prof. Edson, sobre a sua trajetória de vida (acadêmica, cultural, e seu envolvimento com os aspectos da linguagem visual). Como tudo isso aconteceu?

Narrar esse processo é um desafio e caminho longo por conta das temporalidades, eu poderia dizer que a minha trajetória de formação no campo das linguagens visuais vem de longe, ela começa por assim dizer, em 1977, quando eu resolvi fazer, por escolha ou por impossibilidades, o curso técnico de desenho de arquitetura. Naquela época não tinha noção de como aquele curso poderia direcionar minha vida para esse ambiente que eu acabei vindo me consagrar muito anos depois.

Eu tinha a intenção, talvez, de fazer o curso técnico de desenho e arquitetura, me constituir como um profissional e ter uma profissão já de algum tempo é uma coisa almejada pelas pessoas que tendem ou precisam de uma oportunidade para crescer e o trabalho é o meio mais fácil para se alcançar uma mudança do ponto de vista social, sem uma perspectiva de trabalho ninguém tem a possibilidade de avançar. Me pareceu naquela oportunidade que uma porta se abria e tinha isso como meta, tanto é que, estava concluindo o meu curso em 1979 e quando efetivamente terminei já me encaminhei ao mercado de trabalho, eu queria ser desenhista, era o que eu almejava e assim eu fiz.

Trabalhei de toda a sorte para alcançar este objetivo e já em 1980 depois de ter levado os últimos 6 meses de 1979 estagiando em uma empresa de desenho, DETA era o nome, na primeira semana do mês de janeiro de 1980 eu consegui uma vaga em numa empresa de construção civil chamada ENISA e lá eu vi uma possibilidade de ser desenhista, mais de pronto, me disseram que eu iria trabalhar como encarregado de almoxarifado de campo, isso porque, eles perceberam que eu dominava o conhecimento de leitura com plantas arquitetônicas, etc. No campo de construção se você domina esse requisito, você pode atuar numa área mais abrangente, então dizendo isso, eles me colocaram lá como um encarregado

no setor onde atuava diretamente com o pessoal da produção, isto é, da construção.

O primeiro empreendimento que tive a oportunidade de trabalhar foi a construção do campus de Ondina¹, que eram os prédios novos que estavam sendo construídos na UFBA – PAF e outros. Levei 90 dias ali, vivia todos os dias enchendo a paciência do meu chefe imediato para que ele me colocasse no departamento de desenho, eu queria era desenhar, mas ele dizia: *“não tem prancheta para todo mundo, segura um pouquinho aí que daqui a pouco apreço espaço para você, enquanto isso você fica lendo as plantas, vai instruindo o pessoal com o material necessário para que eles possam realizar tarefa maior que é produzir a construção do prédio”*. Depois de 90 dias, eu recebi um convite de uma outra empresa para trabalhar como desenhista, eu estava entrando para o campo das linguagens visuais para trabalhar com desenho, fiz isso durante pouco mais de um ano ou quase um ano na verdade. Eu fiquei na ENISA até meado de abril de 1980 e a partir desta data eu me despedi saindo pela porta da frente dizendo e tentando, quando fosse o caso de voltar. Eu tinha intenção de me especializar mais propriamente no desenho e aí fui para outra empresa chamada Quadrini. Essa empresa trabalhava com produção de quadro elétrico para grandes construções, então desenhei para a subestação da Coelba e outros órgãos públicos no sentido de produzir material eletrotécnico. Levei quase um ano nessa empresa e sai de lá porque fui aprovado no vestibular de licenciatura em Desenho e Plásticas. Então eu iria de uma vez só realizar outros dois desejos: o primeiro fazer um curso superior e eu seria o primeiro da minha família a ingressar em uma universidade e galgar alguns postos na formação.

Eu fui o primeiro a ser aprovado para o ginásio no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, conseqüentemente para o segundo grau e universidade, fazendo assim toda uma diferença. Indo para a Universidade, tomei consciência de que, eu iria realizar um segundo desejo que estava latente lá na infância quando eu ainda estava nos primeiros anos de formação. Certo dia eu pedi ao meu pai um quadro negro para que eu pudesse ensinar os meus irmãos em casa a ler, eu não

¹ Nota do entrevistador: O campus de Ondina, é parte integrante da Universidade Federal da Bahia, fundada em 18 de fevereiro de 1808, quando o Príncipe Regente Dom João VI instituiu a Escola de Cirurgia da Bahia, primeiro curso universitário do Brasil. Fonte: <https://www.ufba.br/historico>.

sabia, mas naquele gesto, naquele ato, eu estava apontando para uma carreira que eu iria incorporar anos mais tarde, que era a carreira de professor. Fui tomar consciência disso no momento em que passei no vestibular, entre a latência da infância de brincar de professor e a objetividade da aprovação em um curso de licenciatura, formação de professor, eu vi ali realizando o meu desejo, então dois desejos foram realizados de uma vez só, o de me tornar professor o que me asseguraria muito provavelmente uma carreira pública que acabei cumprindo a rigor por mais de 40 anos e de trabalhar na área de desenho que eu aprendi a gostar pelos méritos do meu professor, que ainda está na minha memória, o saudoso José Abade de Oliveira, sendo um dos incentivadores que eu tive, enquanto realizei o meu curso. Este passo, ou seja, ter me formado em professor de desenho me abriu algumas portas que vão desde poder ao final do meu curso começar a lecionar no espaço público, fui direto para escola pública do Estado e para particular. Na particular, fiquei apenas 15 dias, por conta do contrato na escola pública. Em seguida já situado, comecei a me preocupar em fazer concurso público para consolidar minha entrada no serviço público e por duas vezes fui aprovado, na segunda aprovação fui nomeado para Universidade, mas antes disso eu já estava atuando no ensino, daí para o mestrado, em 1994, foram quase 10 anos depois da graduação. Passei antes por uma especialização, segui ensinando aos alunos do curso de engenharia e matemática, e então apareceu oportunidade de fazer o mestrado em educação e eu iria consolidar aquilo que eu havia construído como carreira.

A partir daí eu dei outros saltos, do ponto de vista qualitativo, acho que o mestrado me colou na direção de começar a pensar no processo da escrita. Escrever e pensar acerca de um tema, de uma discussão com maior profundidade, o mestrado me deu esse aporte em um tempo onde se fazer mestrado era um diferencial importante. Até o início dos anos 1990, eram poucos os que conseguiam acessar o mestrado, haja visto que, as instituições de ensino superior do estado ainda não tinham mestrado, UESB, UEFS, UESC e UNEB² não tinham mestrado, e a única que oferecia na Bahia era a UFBA. Imagine como era concentrado e como

² Nota do entrevistador: Segundo Boaventura (2009) as quatro universidades baianas, coirmãs e conhecidas como UEBAS, foram criadas nas seguintes datas: UEFS, fundada em 1970, UESB em 1980, UNEB em 1983 e pôr fim a UESC, criada em 1991.

era apertado o funil para que se conseguisse uma vaga de mestrado naquele tempo. A cultura da pós-graduação *stricto sensu* que hoje temos com uma certa abundância nas instituições estaduais de ensino, a UESB 20 programas, a UEFS mais de 20 instalados³, mas, isso só vai ocorrer a partir dos anos 2000 e no interior quando mais longe, as possibilidades eram menores ainda. Na época que fiz mestrado em educação e meu aporte foi História da Educação Brasileira, trabalhei com um tema interessante – política de educação superior –, eu tinha acabado de sair da direção de um departamento da minha universidade e estava com um monte de dados acerca de como era constituída a formação dos estudantes que ingressavam no ensino superior, fui trabalhar com isso, com a perspectiva de voltar e contribuir com o processo de avaliação institucional. Terminado o mestrado retornei à universidade e integrei a comissão de avaliação institucional, mas, em lá chegando, reencontrei um amigo, ele estava a me aguardar para participar do processo. Com o andamento da atividade pensei em continuar os estudos naquela área, foi aí que ele me fez uma pergunta certo dia, depois de me ouvir comentar queria ampliar meus estudos e fazer um doutorado na área de política de ensino superior com foco na avaliação institucional. Sagaz e muito sabiamente, olhou para mim e disse: *“Edson, você tem formação em Desenho e Artes, você não acha que fazendo um doutorado em avaliação institucional, política de ensino superior, você poderia perder muito disso que você tem e atua na sua área de conhecimento na universidade? Se você fosse do Departamento de Educação, talvez fosse interessante seguir por aí, mas, você já notou que existe muitos bam! bam! bam! por aí e não vai sobrar espaço para atuar nesse mercado tão concorrido? Por que você não procura alguma coisa que você efetivamente goste, que lhe complete e possa trazer de volta como base para sustentar suas atuações?”* Eu respirei fundo, achei que seria uma possibilidade, mas, aonde iria encontrar alguma coisa assim, na área de ensino de desenho no Brasil? Depois de pensar um pouco, eu já sabia disso, descobri que seria quase impossível conseguir alguma coisa do gênero e me veio uma perspectiva em outra área que avaliei e resolvi investir. Surgiu a oportunidade de fazer um doutorado na área de

³ Nota do entrevistador: Atualmente a UESB conta com mais de 35 opções de cursos na modalidade *stricto sensu* e a UEFS com aproximadamente 25 cursos ofertados na mesma modalidade. Fontes: <https://www.uesb.br/cursos-de-pos-graduacao/> e <http://www.pppg.uefs.br>.

Antropologia e ao começar a estudar descobri que existia um campo de estudo chamado Antropologia Visual, embora estivesse envolvido com a Antropologia das populações afro-brasileiras. Ainda não tinha noção do que fosse isso, até porque, foi o espaço que achei mais viável do ponto de vista da proposta. O curso escolhido não tinha especificidade da antropologia visual, mas tinha a discussão de cultura, em sendo, Antropologia e Ciências Sociais a discussão de cultura já estava de bom tamanho.

Eu pensava estudar as manifestações da cultura e da arte que pudessem denotar as pessoas que estavam presentes nos espaços da cidade, e eu olhava com um gosto, uma satisfação, eu vi ali uma questão e era muito importante para mim. Quando o professor Eloi Barreto me sugeriu que buscasse algo de que eu gostasse, me lembrei de uma coisa, estava na universidade a mais de 10 anos e alguma coisa eu tinha deixado para trás com a escolha de ir para Feira de Santana. Não tinha mais a oportunidade de participar das festas populares de Salvador, e ali via a possibilidade de ligar três coisas interessantes, 1) Até então, não tinha me disponibilizado a trabalhar algo que refletisse a minha própria origem (étnica), nada que me levasse a pensar o que é ser negro na Bahia. Não tinha feito nada até ali! 2) Eu precisava de alguma coisa que não me afastasse tanto do campo que eu vinha atuando, que estivesse mais conectado com minha formação. 3) Não poderia rasgar tudo o que havia lido, conhecido e desenvolvido na graduação, que se encontrava na área das artes visuais, do desenho e das artes plásticas. Então eu poderia ter ali um viés para tirar algum proveito e teria nessa perspectiva a chance de voltar para o meu espaço, lugar de vivência que eram as manifestações da cultura local de Salvador, as festividades de verão realizadas entre dezembro e março de cada ano.

Então esses três mecanismos de vontades guardadas em meu baú das minhas reminiscências tinha a oportunidade de serem invocados por conta da exigência do doutorado e aí que efetivamente começo a pensar na perspectiva das linguagens visuais como ação de pesquisa e não somente de ensino.

O doutorado me jogou de cabeça para um campo em que sempre gostei de trabalhar, que era o campo da fotografia. Mesmo no processo do mestrado, eu fotografava muito, mas nunca tinha me devotado a trabalhar fotografia como área de estudo acadêmico, o doutorado me abriu essa porta. Comecei a ler e

descobrir que tinha essa possibilidade, não tardou, tomei consciência de que precisava de um campo efetivo que me levasse nessa direção. Por que não estudar imagem? Por que não observar na imagem algo para relacionar ao panorama da festa? Porque não adentrar nesse panorama das festas, e perceber traços de cultura dos quais me via e me identificava, era como as culturas ou as tradições afro-brasileiras adentravam nas manifestações da cultura local de Salvador, na configuração das festas populares! Veja como essa inquietação vai indicar um caminho interessante a seguir? Eu sempre me perguntava! Sempre militei na área do desenho técnico, quando eu saí para o mestrado e mesmo antes, eu lidava com os alunos de engenharia e matemática da UEFB, como eu ia voltar para lecionar com esses alunos, com uma discussão que não ensejava mais nada de engenharia ou matemática? Foi uma decisão difícil, mas a cama já havia sido feita, de um tempo anterior a este, e aí entra uma perspectiva importante. Quando fiz a especialização em Metodologia do Ensino Superior, cursei uma disciplina chamada Técnicas e Recursos Audiovisuais, de que muito gostei, por conta de uma proposta muito interessante que era, ensinar aos licenciandos, futuros professores, como eles podiam dispor dos recursos audiovisuais para melhorar as suas performances em sala de aula. Muito atento, quando terminei essa pós-graduação propus a minha universidade a criação desta disciplina. Veja, uma disciplina no universo inteiro de um curso, mas foi a que me chamou atenção, e então resolvi criá-la em 1989.

A partir de fevereiro de 1991, ela começou a ser oferecida no calendário regular da instituição, era uma disciplina optativa para os alunos do curso de licenciatura em letras. Algum tempo depois começamos a debater acerca de ampliar a oferta da disciplina para outras licenciaturas, já que era uma proposta para viabilizar aos professores uma condição de atuar da melhor maneira possível utilizando os recursos da visualidade. Nos primeiros tempos da disciplina nos anos 1990, o que era o conteúdo da disciplina Técnicas e Recursos Audiovisuais? Era você ensinar ao sujeito como utilizar o retroprojektor, a tecnologia de montar um padrão das lâminas (transparências para retroprojektor) para que a comunicação se desse da melhor maneira, era formar e produzir cartazes para dar uma aula, oportunizando às pessoas entenderem melhor determinados assuntos. Outros equipamentos eletrônicos iam sendo utilizados na mediação da atividade de sala

de aula: a TV, o vídeo cassete e o projetor de slides eram a última palavra em matéria de recursos audiovisuais. Só que, de 1993 em diante, as universidades baianas, particularmente a UEFS, começaram a utilizar nos seus expedientes a figura do microcomputador, isso criou uma perspectiva diferenciada na relação com o ensino, ali começava uma odisseia que ensejaria duas mudanças importantes no trânsito com a disciplina. As novas tecnologias passaram a ser aquelas cuja particularidade envolvia o uso de microcomputadores, seus periféricos e respectivos programas. No bojo dessa mudança, a internet passou a ser o lugar simulacro onde as coisas passaram a acontecer.

Veja que fiz um hiato muito grande, fui ao doutorado para apreender uma diretriz que envolve as linguagens visuais e a cultura, mas voltei para antes do doutorado, buscando mostrar o fato de eu ter criado uma disciplina na área dos recursos audiovisuais. Ter criado, a ambiência para sobrevalorizar esse meu retorno à sala de aula ao final do doutorado foi muito importante. Tanto que, quando voltei do mestrado, já não atuei com os alunos da engenharia, continuei com os de matemática, só com aqueles que se dispuseram a estudar comigo os recursos audiovisuais, aqueles que estavam focados na geometria descritiva, uma disciplina técnica muito importante e geometria plana passaram a trabalhar com outros professores da área. Fui progressivamente colocando nas mãos de outros colegas as disciplinas mais específicas dos cursos, então o horizonte se abriu para mim, meus alunos potenciais, passaram a ser os de letras, história, filosofia, física, matemática, biologia, pedagogia, as licenciaturas de modo geral. Então comecei a ter o discernimento de que era nesse eixo, nesse meandro que eu queria me fixar, e minha carreira como docente caminhou nessa direção.

Quando voltei do doutorado, me estabeleci definitivamente na disciplina que criei em 1988, implantada em 1989 e oferecida em 1991. Um processo rápido por assim dizer, geralmente não se cria uma disciplina em um dia e no outro começa a funcionar na universidade, leva um tempo e a gente tem que debater muito nesse processo, no meu caso, tive a sorte de em três anos a disciplina começar a ser oferecida. Já fiquei com esse lastro e espaço aberto para atuar. Esse foi o escopo que vai me jogar no campo das linguagens visuais e da cultura, obviamente foi o aditivo do doutorado em ciências sociais com o viés da antropologia que me jogou dentro do arcabouço do discurso da cultura. Não

restava outra saída para mim ao final do doutorado senão criar um grupo de pesquisa chamado Linguagens e Visuais e Cultura. Este grupo passou a estabelecer a interação entre a graduação com Técnicas de Recursos Audiovisuais e a pesquisa voltada para aquilo que o doutorado me apresentou que é uma forma de mostrar as manifestações da cultura tomando como base referencial a utilização dos recursos visuais, no caso, a fotografia, que eu havia ali começado a estudar e trazido para dentro do meu trabalho como uma forma de mediar uma relação importante com o campo da cultura.

Agora, como é que isso se consolida efetivamente? Aí eu precisei do apoio de outros pesquisadores, me lembro na época que a professora Marise de Santana estava voltando do doutorado dela e com um desafio, retomar planos de trabalho de quando terminou o mestrado. Ela precisava criar uma ambiência cuja condição permitisse preparar professores para que não atuassem de maneira monodimensional, ou seja, dentro uma lógica monocultural. Havia a necessidade de levá-los a pensar a cultura como sendo diversa, ampla. A então doutora, me perguntou se eu estava disposto a trazer um pouco da minha experiência para o que ela estava propondo: oferecer um curso de extensão, na sua própria universidade para atrair pessoas que tivessem interesse em se aprimorar na implementação da lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), nada mais justo que, com os resultados da sua pesquisa, propusesse alguma coisa nesse campo também. Fiquei encarregado de trabalhar com linguagens visuais e cultura. A essa altura, como já tinha o grupo de pesquisa, levar essa discussão para dentro da proposta do ODEERE⁴, que ainda não tinha esse nome em 2004, era um desafio. O nome ODEERE vai nascer no final de 2004 e início de 2005 mais ou menos. Aceitei o desafio, chegar na sala cheia de professores da rede municipal da região de Jequié e oferecer algo que pudesse incentivar a pensar em cultura de uma maneira diferenciada e trabalhar cultura utilizando recursos audiovisuais, era um desafio naquela época (2004/2005). Pensar e falar sobre material didático, sobretudo o material visual para mediar essa discussão, era uma raridade, aí havia

⁴ Nota do entrevistador: Segundo Santana et al. (2014) com as ações oriundas do grupo de estudo "Educação e Relações Étnicas: Saberes e Práticas do Legado Africano" nos cursos de extensão, aperfeiçoamento e pós-graduação ofertados por seus membros na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia na cidade de Jequié e mediante a constantes reivindicações, o Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) terminaria sendo implantado oficialmente no ano de 2006.

a necessidade de pesquisar muito. Descobrimos produções de cineastas no Brasil e até de fora para trazer ao centro da discussão na sala de aula, precisava ser propositivo como já fazia na disciplina Técnicas de Recursos Audiovisuais. Era uma proposta que eu poderia levar para os profissionais do ensino da região e sugerir que eles pudessem produzir o próprio material que iriam utilizar, fosse utilizando fotografia, vídeo ou equipamentos que se dispunham na época. Ocorreu que, nesse período de 2004 e 2005, um outro fenômeno começou a chegar com bastante potência que foram os equipamentos eletrônicos de áudio e vídeo aportados como suporte dos celulares. Até 2005, talvez os celulares oferecessem pouca qualidade, mas já tinha máquinas digitais que davam um suporte bom que dialogavam com uma certa tranquilidade com os computadores. As pessoas começaram a fazer vídeo, a fotografar e a dispor material para mostrar a cidade que não via, o que estava ali diante dos seus próprios olhos, aí começa ganhar ênfase a questão das linguagens visuais e cultura na perspectiva de uma ação de extensão.

A cultura nesse momento, deixou de ser uma coisa distante e retórica para ser uma ação objetiva, o professor saía e recebia um desafio, eu perguntava, onde, por exemplo, tem a feirinha da região do Pau-ferro? E eu os desafiava – vamos fazer uma visita como uma atividade prática – colocando os professores para fotografar e conversar com as pessoas, filmar e trazer tudo para que pudéssemos montar um vídeo e mostrá-lo no final da atividade. *“Vocês produziram para mostrar para seus alunos que a lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) começa aqui, olha a cara das pessoas que estão trabalhando na feira, olha como elas trazem valor, o que elas têm como discurso, o que elas esperam e tentam com seus saberes, vamos privilegiar esses saberes que muitas vezes têm na oralidade a sua forma mais própria de se manifestar”* e isso foi sendo incorporado como valor e assumido como pauta. Outras pautas foram surgindo, e quais eram essas pautas? Olhar o bairro, conversar com as pessoas do bairro, bater na porta dessas pessoas, as manifestações que o ODEERE promovia, vamos registrar tudo isso e trazer como base referencial de cultura.

Professor Edson, na luz da sua caminhada enquanto artista cultural e professor, para o senhor, o que de fato significa cultura?

Cultura não é algo que está apenas em livros para dizer é isso ou aquilo, cultura é uma coisa que precisamos vivenciar, Muniz Sodré tem uma afirmação interessante quando se refere à questão da cultura, ele fala que cultura é a relação do sujeito com o seu real. E que real é esse? O professor tem um real na sala de aula, que muitas vezes, ele próprio despreza, mas outros começam a tomar consciência que o real da sala de aula, se expande para onde quer que exista uma pessoa, um lugar, um tempo. Está para além da sala de aula, adentra os meandros da sua casa, da sua rua, do seu bairro, nos seus costumes e coisas que ele se habitua cotidianamente a fazer. Não pensar que aquilo que ele traz do lado de fora para dentro da escola é para ser negado, para ser esquecido, desprezado, se eu presto a atenção a isso, eu presto a atenção ao que deve ser valorado quando se fala de cultura. E quando se fala de cultura afro-brasileira, dentro da qual mais de oitenta por cento da população brasileira se encontra inserida, pelos processos de mestiçagem ou manutenção de determinadas tradições, não tem como fugir a isso. Nesse caso específico, é olhar para frente e perceber no outro, o que existe de mais próprio que é a sua natureza. Perceber a naturalidade naquilo que manifesta com altivez, autonomia e que, muitas vezes, essa manifestação vê-se reduzida ao estágio da negação. O resultado prático dessa experiência com o ODEERE, não está nas minhas mãos, está nas ações das pessoas que continuam a se desenvolver quando me reúno com Dhemmys⁵ e/ou Argolo⁶, parceiros de jornada, e percebo neles despertada uma consciência acerca de valorizar o que trazem nas manifestações próprias de suas culturas como base referencial para orientar suas vidas, no dia a dia e nas relações que estabelecem. Eles não negam, afirmam!

⁵ Nota do entrevistador: Manoel da Silva Santana, mais conhecido popularmente como "Dhemmys" é artista plástico e professor, cujos temas mais trabalhados na cidade de Jequié e Região são: cultura popular, legado africano, indígena, afro-indígena, afro-brasileiro, educação e saúde.

⁶ Nota do entrevistador: Antonio Argolo Silva Neto, graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e mestre em Desenho, Cultura e Interatividade na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e autor do livro *Imagens do Rádio: elementos para análise da sintonia internacional no Brasil*.

O LabImagem (laboratório de imagem) da Universidade Estadual de Feira de Santana, tem sido um baluarte na educação e disseminação da arte, linguagem e cultura visual na Bahia, sobretudo na cidade de Feira de Santana. Como tudo isso se iniciou?

A criação da disciplina (Técnicas e Recursos Audiovisuais) me favoreceu para pensar as questões das linguagens visuais, passando pelo mestrado onde fortaleci a minha discussão acerca da história e da cultura voltada para formação do profissional de ensino expressa na figura do estudante da Universidade de Estadual de Feira de Santana. No doutorado me envolvi com a dimensão da cultura me situando neste debate até hoje. Mas, o doutorado não me deu somente o desafio de ir para o ODEERE e trabalhar com linguagens visuais e cultura. Me fez voltar e olhar para o meu acervo e, ao fazê-lo, possibilitou questionar: o que posso fazer com todo esse material para além da discussão cotidiana desenvolvida no interior da sala de aula? Descobri que o grupo de pesquisa linguagens visuais e cultura, poderia enfatizar a produção de material visual e o acervo fotográfico poderia servir de aporte ao desenvolvimento de novas pesquisas. Com essa concepção criei o que nós chamamos na UEFS de LabImagem. Na minha última progressão na carreira docente, eu escrevi um texto⁷, um chamamento para prestarem a atenção à proposta do LabImagem. O LabImagem vem constituir um espaço de transição, onde as coisas estão acontecendo, e se estão acontecendo, elas não estão prontas, acabadas, podem ser mexidas e mudadas, sendo uma ideia que flui. Eu fiz uma pergunta para mim mesmo: *O que é que eu vou fazer com um acervo de mais de 1000 fotogramas acerca das festas populares da Bahia, em Salvador mais propriamente, para que possam gerar novas pesquisas?* A ideia era criar um banco de dados com essas imagens e torná-las aptas a transitar em outras pesquisas.

Já que estou disponibilizando o material produzido, por que não estimular a produção de outros trabalhos? Então o LabImagem se preocupou, por um lado, tratar e/ou digitalizar as imagens das fotografias que gerei na pesquisa do doutorado e, por outro, gerar novas imagens digitais acerca das manifestações que envolvessem o entorno de Feira de Santana e região. A pesquisa começou

⁷ Nota do Entrevistador: **LabImagem no contexto da produção digital**": uma proposta com bons precedentes.

fazendo registros das festividades que acontecem em Feira de Santana, Cachoeira, Santo Amaro, Conceição da Feira, Muritiba e outras do recôncavo baiano que tivessem manifestações da cultura local. No curso da pesquisa foram sendo incorporadas imagens resultantes de trabalhos que comecei a orientar nessa direção. Começaram a surgir propostas de pesquisa, porque a essa altura já estava no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade. Eu tinha um campo em que podia atuar com o grupo de pesquisa para atender a essa demanda!

Quais propostas de pesquisas nasceram a partir do LabImagem?

Vieram trabalhos de alguns alunos do mestrado envolvendo traços da cultura local de Feira de Santana/BA e região. Nos 18 anos de implantação do programa tive muitos trabalhos orientados, que falam sobre muitos temas nos quais a imagem se presentifica: **1)** *“Relatos imagéticos/Fotográficos: As culturas feirenses expressas na figura dos mascarados do Bando Anunciador”*. O bando Anunciador é uma atividade cultural que ocorre dias antes da festa da padroeira da cidade, a festa de Santana⁸, a cada ano em julho. **2)** Trabalho sobre Lucas da Feira *“A construção do mito nas imagens dos quadrinhos”*. Trata-se de um personagem lendário na história de Feira de Santana, cultuado por alguns, odiado por muitos, fugiu à escravidão e insurgiu contra o sistema, sendo uma espécie de Robin Wood feirense, tirava dos abastados das fazendas de Feira para distribuir com os pobres, por isso, ele era ovacionado e odiado ao mesmo tempo. Ainda hoje com a mesma intensidade os que têm posses odeiam a ideia do Lucas, vêm nele a figura de um reles ladrão, mas a periferia o endeusa, serve como bandeira de reivindicação e possibilidades de conquista de um espaço social desejado que muitas vezes lhes é negado, se tornando uma figura importante. **3)** Em Santo Amaro da purificação/BA, foi feito um trabalho com um olhar para a manifestação da cultura local chamado de *“Tanque de Senzala”*⁹, sendo este um local com memórias

⁸ Nota do entrevistador: O documentário Festa em Feira criado por Jefferson Parreira de Lima (2016) sob a orientação do Professor Edson Dias Ferreira no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade nos evidencia o quão rico, simbólico e importante é este festejo para a população local.

⁹ Nota do entrevistador: Em uma entrevista para o canal TV Olhos D'Água (TV UEFS), a pesquisadora Camila Paim afirma que, esta pesquisa nasce da proposta da disciplina Estágio Docência do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade na Universidade Estadual de Feira de Santana, no intuito de ressaltar a importância do registro da festa do Trezenário de Santo Antônio na perspectiva da comunidade local.

ancestrais de escravidão, como a comunidade manifestava seus dotes e seus traços culturais por ocasião da festa do santo padroeiro da localidade? como os traços da cultura local se mostrava de maneira espontânea e muito aberta, a pesquisadora, foi trabalhar as imagens que nutriam essa transformação durante as festividades de Santo Antônio. **4)** Nesta mesma linha tem um trabalho que vai olhar por exemplo, como se desenhava organicamente a feira livre de Conceição do Jacuípe/BA¹⁰, que faz fronteira com Feira de Santana. E assim por diante, foram aparecendo trabalhos tanto os que se aproximavam do meu trabalho, a festa de santa Barbara, em Feira de Santana, cujo ponto alto é o caruru oferecido à Santa no centro de abastecimento. **5)** Há um mestrando que vai buscar as imagens que estavam presentes nas entrevistas cedidas por Pierre Verger acerca das visitas dele ao Benin lá na África¹¹, e mais recentemente, um trabalho que vai tratar com as imagens que foram geradas na minha pesquisa para mediar a relação com estudantes do ICEIA, escola pública estadual em Salvador, cujo enfoque trazia traço de uma manifestação que ensejava uma referência com a afro-baianidade. **6)** Tive também a felicidade de trabalhar com um orientando na especialização de Jequié, que virou o meu orientando no mestrado em desenho em Feira de Santana, o trabalho dele trata da relação entre imagens e as ondas de rádio de difusão internacional, na frequência das ondas curtas. Ele consegue fazer um trabalho muito interessante que virou livro, envolvendo o pensar o rádio e como este se transforma em algo de ver, e ele consegue de maneira muito perspicaz, traduzir o que de visual o rádio pode oferecer como manifestação da cultura, e tudo isso vai emoldurar a proposta do LabImagem, enquanto espaço de ideia e produção de pesquisas, nas quais a produção de imagem visual esteja como relação de mediação com aquelas discussões que envolve a cultura de um modo geral.

Com as ações do grupo de pesquisa em Linguagens Visuais e Cultura, outros trabalhos foram desenvolvidos com bolsistas de iniciação científica.

¹⁰ Nota do Entrevistador: A dissertação intitulada "O desenho da feira livre a partir das memórias dos feirantes de Conceição do Jacuípe – BA" é de autoria de Jaqueline de Jesus de Lemos (2022), cuja orientação foi realizada pelo Prof. Edson Dias.

¹¹ Nota do Entrevistador: O referido trabalho foi realizado por Ronaldo dos Santos da Paixão (2015) na dissertação intitulada "Acontece que são baianos: da imagética de Pierre Verger ao Desenho das páginas na revista O Cruzeiro, trançando os sentidos" sob orientação do Prof. Edson Dias.

Imagem e cultura, linguagem visual e cultura são noções que trabalham na perspectiva da produção de conhecimento. E isso tem sido feito tanto do ponto de vista da participação efetiva no ODEERE quanto na UEFB.

O legado do seu trabalho, aprendizado e vivências na área da linguagem visual e cultura, possibilitou impactos significantes na vida de muitos alunos e profissionais do ensino, fomentando e influenciando as próximas gerações de pensadores do fazer cultural. Dito isto, quais as suas expectativas em relação as próximas gerações que porventura se apropriarão do legado do LabImagem e do ODEERE?

Quando se fala de perspectivas acerca do potencial que são as discussões em torno das linguagens visuais, posso vislumbrar grandes expectativas sobre o que está por vir. Se insere dentro do que é o próprio ODEERE para a dinâmica futura da UESB, do PPGREC, da proposta da extensão e para a própria vida da cidade de Jequié. A síntese de tudo isso se expressa nas linhas do texto “eu tive um sonho”¹². Cada vez que chego no ODEERE e converso com pessoas e percebo como elas se transformaram e transformam tantas outras pessoas a partir das vivências que elas tiveram me sinto um pouquinho realizado. O mesmo acontece em Feira de Santana. Ao conversar com duas ex-alunas do mestrado em Desenho, que recentemente terminaram o doutorado, percebo que elas estão de vento em popa, trabalhando levam adiante a experiência que acumularam no percurso. Outros tantos que terminaram estão sendo professores na UEFB, fazendo trabalhos e contribuindo com suas pesquisas. Acontece que ao se acender uma fagulha, essa fagulha vai se nutrir das experiências novas geradas no seu próprio interior e ciclicamente o processo vai se consolidando. Essas pessoas serão referências para outras tantas que estão se formando, potencializando em progressão geométrica esse processo.

Assistindo ao vídeo de um colega de São Paulo, que homenageava uma professora, que me é muito cara porque foi minha professora no doutorado e supervisora no Pós-doutorado, doutora Josildeth Gomes Consorte¹³. Ela já esteve

¹² Nota do Entrevistador: O referido texto foi escrito para o livro “ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano”.

¹³ Nota do entrevistador: A professora doutora Josildeth Gomes Consorte foi a primeira pesquisadora contratada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), criado e dirigido por Anísio Teixeira (Rio de Janeiro, 1955). É sócia fundadora da Associação Brasileira de Antropologia (ABA

algumas vezes no ODEERE, a última vez foi em 2015, participando do Congresso Baiano de Pesquisadores Negros, esteve entre homenageadas. No vídeo ele dizia exatamente assim: *“olha professora Josi, hoje posso apresentar para a senhora não netos, mas já tem bisnetos acadêmicos, que estão aqui voltando para mostrar o quanto a sua experiência passada adiante foi importante nas nossas formações”*¹⁴. Ele como filho acadêmico direto, os orientandos dele, como netos e orientados dos orientados dele, já seguindo a carreira acadêmica. Na sua fala ele pontua a importância da orientadora, professora Josildeth, para sua formação. Quando se consegue estabelecer essa cadeia que vai formando uma espécie de linha de sucessão, uma genealogia, aí se cria um processo que se propõe senão contínuo, pelo menos, com uma certa organicidade, que pode fazer valer para daqui a muito tempo. Se daqui a dez, quinze ou vinte anos ainda soar, ecoar algum vestígio do registro de quem foi Marise e/ou Edson na passagem pelo ODEERE e pela UEFS, tudo terá, por assim dizer, cumprido o seu papel. E essas figuras vão estar relacionadas com outras tantas que vão sendo formadas e incluídas no processo. Por isso eu acredito que o processo se dá assim, ciclicamente! Se a cada quarenta ingressos no sistema dois conseguirem fazer com que o ciclo se refaça, quanta gente estará contribuindo para o desenvolvimento das ideias do grupo ao final de dez anos?!

desde 1955) e Doutora Honoris Causa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
Fonte: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/31427/josildeth-gomes-consorte>.

¹⁴ Nota do entrevistador: Palavras do Professor Doutor Dagoberto José Fonseca, UNESP, 2024.

Referências

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **A Construção da Universidade Baiana**. Salvador: Edufba, 2009. <https://static.scielo.org/scielobooks/4r/pdf/boaventura-9788523208936.pdf>.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

LEMOS, Jaqueline de Jesus. **O desenho da feira livre a partir das memórias dos feirantes de Conceição do Jacuípe - BA**. 2022. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade). Letras, Artes e Linguística. Vol. 1. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana. 2022.

LIMA, Jefferson Parreira de. **Feira em Festa (Documentário)**. Vimeo, 8 de ago. de 2016. 1 vídeo (5min e 36seg). <https://vimeo.com/178097660>.

PAIXÃO, Ronaldo dos Santos da. **Acontece que são baianos: das fotorreportagens de Pierre Verger ao Desenho das páginas na revista O Cruzeiro, traçando os sentidos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade). Antropologia. Vol. 1. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana. 2015.

SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias; NASCIMENTO, Washington Santos; SILVA NETO, Antonio Argolo (orgs.). **ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano**. Vitória da Conquista, Edições UESB, 2014.

TV Olhos D'Água. PAIM, Camila. **Exposição lugares de vivência**. Youtube, 6 de fev. de 2020. Feira de Santana: TV UEFS. 1 vídeo (1min e 58seg). <https://www.youtube.com/watch?v=BvYjciq7o6A>.